

Relato laswece – Maio de 2014, Holanda.

Iniciamos o encontro dando boas-vindas às novas representantes da Itália, Eslovênia, e para as convidadas chinesas Thanh Cherry e Xiam Mei.

Houve relato da representante da Ucrânia, nos colocando a par da crise política – luta armada, corrupção, queda da moeda – que por hora passa o país e como, apesar disso tudo, as crianças nos jardins de infância têm brincado lindamente.

A representante russa nos disse que, em seu país, cada grupo de jardim tem de 20 a 25 crianças. Muitos jardins se formaram nos últimos tempos, porém sem base, voltados muito para o lado financeiro. Como então proteger o nome Waldorf? No estatuto consta que as educadoras têm que ter a formação de três anos em seminários reconhecidos. Depois de três anos de existência de um jardim, vem um pessoa averiguar se o jardim alcançou o nível básico necessário para ser considerado Waldorf. “Mesmo que um jardim já esteja estabelecido há anos, ele tem que ser ‘certificado’.”

Disse ela, ainda, que, em termos de país, os jardins Waldorf alcançaram um bom nível educacional, e a eles foi autorizado a permanência da criança até os oito anos, o que para nós causou espanto, pois o que fazer no jardim com crianças de oito anos?

ESTUDO

Nesta reunião foi estudada a 3ª palestra, proferida em Arnheim, em 19 de julho de 1924 (em inglês o título é Human Values in Education, tal qual se encontra no Rudolf Steiner Archive), como preparação para a conferência sobre o tema *Transições, da criança de três, seis, nove, doze e quatorze anos*, que acontecerá no Goetheanum, em Dornach, Suíça, na Semana Santa de 2015 (de 30 de março a 3 de abril), na qual educadores infantis e professores de classe estarão sendo esperados.

Estudo do primeiro dia, com Stefanie Alons de Israel

A palestra nos lembra que temos um Eu e que, por trás desse Eu, existe algo muito forte. Como podemos viver internamente essa força? A criança busca a verticalidade e aprende a andar, em seguida trabalha sua laringe que desencadeará o ato de falar e, por fim, a alma- espiritual “trabalha” no cérebro herdado para que se alcance a capacidade do pensar. Como pode a criança conseguir realizar essas três capacidades nos três primeiros anos de sua vida? Isso acontece por ela estar completamente ligada ao mundo espiritual e por não ter consciência de si. Por volta dos três anos acontece uma transição dramática, quando acontece uma “quebra” com o mundo espiritual e ela “chega mais perto da terra”. Como podemos observar essa passagem da criança, do céu à terra? Que força que antes atuava na criança agora deixa de atuar? Nesta palestra somos convidados a observar como a criança age, se mostra ao mundo por meio de seus braços, de seus dedos. Foi demonstrado como, de várias maneiras, ela “pega” algo. Como nos exercitamos com relação à observação de crianças?

De onde provém essa força que atua no início de vida da criança? Quem esta ali presente é o divino; podemos inclusive dizer que estar diante de uma criança é estar diante de um altar. Em cada criança podemos ver como Deus criou o mundo, em cada criança se vê o divino espírito. Há uma citação de Martinho Lutero que diz “ao olharmos uma criança vemos Deus em ação.” Se aprendermos a arte de observar corretamente, fica praticamente desnecessário aprendermos linhas que nos conduzam. Olhando para a criança saberemos o que ela necessita. O que continua fluindo para dentro da criança, porém, de repente, deixamos de enxergar?

Podemos definir o que é essa força que está presente na criança pequena? Rudolf Steiner chama de força crística. Pode ser caracterizada como um impulso de amor, que cria relações; é o poder divino que abraça a sabedoria cósmica. Podemos perceber que essas forças nos fazem crescer para além de nós. Tudo o que alcançamos em termos de regeneração artística, de força de regeneração provém desse tempo em que aprendemos a andar, falar e pensar.

Temos em nós uma vontade superficial e outra profunda. Esta última é que nos sustenta nas

transformações, que nos faz ser perseverante, que nos faz renovar. Reconhecer essas forças na criança é reconhecer a força crística, não definindo, mas caracterizando.

O que vemos é que há ainda pouco entendimento do que essa força representa, porém temos que ter paciência, pois encontramos muito no início de poder compreender a grandiosidade do que isso representa.

O que é necessário é fortalecer nossa consciência e desenvolver um sentimento de responsabilidade elevado para com relação ao reconhecimento do mundo espiritual.

No segundo dia o estudo foi trazido por Helle Heckmann, da Dinamarca

Ela comentou que muitos dos educadores chegam nas escolas Waldorf depois de terem se tornados pais. O fato disso ter acontecido leva à pergunta: de onde vem este ser que a mim foi destinado? Por sorte, temos nove meses para nos prepararmos para isso e, uma vez que acolhemos em nossas mãos o pequeno ser que acaba de nascer, nossa vida passa a ser outra. Nasce em nós um sentimento de religiosidade. A criança vem nos trazer uma segunda chance de vida. Como minha vida pode ser daqui em diante?

Essa cultura de criar vínculo entre pais e filhos é algo recente. Várias culturas só reconhecem a criança depois dos três anos; “até ali ela ainda não é gente!” Outras acreditam que até os três anos a criança é muito vulnerável e só depois passam a considerá-la gente. O que é que existe por trás desse sentimento?

Vivemos em um modelo completamente diferente do que um dia já foi o ideal em termos de família. Hoje é muito comum as crianças serem filhas de mães solteiras, ou ter vários meio irmãos, e ter dois lares. Há uma estatística que mostra que 50% dos casamentos são interrompidos nos primeiros dois anos da criança. Isso tudo nos mostra que não é fácil essa mudança que ocorre no âmbito familiar com a chegada de uma criança.

O que muito se observa é que nada praticamente pode mudar na vida da família, no sentido de poder acolher a criança conforme sua necessidade. Muitas pessoas dizem aos novos pais que a chegada de uma criança “não deve mudar a rotina da casa”. A família tem que continuar trabalhando, tem que continuar indo a festas, e as necessidades da criança são pouco ouvidas. A criança necessita tempo e espaço para se desenvolver. É através dos movimentos que ela conquista novas capacidades, habilidades. Todo seu desenvolvimento depende da qualidade do seu movimento. Por isso ela necessita de um lugar seguro para explorar o mundo. E o que vemos hoje? Mais e mais bebês confinados aos bebês-conforto; eles não necessitam ir em busca de algo, tudo é colocado perto do bebê; por motivo de segurança muita coisa se torna proibida. Com isso, o estímulo aos quatro sentidos básicos fica defasado. Há trinta anos, a criança pertencia à família, hoje ela é do mundo, das instituições. Há algo alarmante acontecendo em alguns lugares no mundo: pais que não podem ficar com seus bebês os levam para instituições de segunda a sexta-feira, ficando com os filhos somente nos fins de semana. A que ponto chegamos?

Como cuidar dessa individualidade que ainda nem chegou à terra? Como se encontrar com este ser? A tecnologia já criou instrumentos eletrônicos para bebês que estão de bruços: eles vêem a imagem da formiga no computador, “viram” a página e ouvem “formiga”, só que, depois, não sabem associar a formiga do computador à verdadeira.

Mais uma vez foi lembrada a necessidade que a criança tem de tempo. Para muitos professores é enfadonho lidar com esse “tempo” de que a criança necessita. A criança, para poder explorar o ambiente, tem que se sentir completamente segura, saber que o adulto estará ali para ela, caso ela se distancie dele. Com isso vemos a grande necessidade de se cuidar do ambiente em que a criança se encontra. Como uma criança pequena pode aprender se ela não tem uma maior para imitar? Podemos ver nisso mais uma vez a riqueza em trabalharmos com idades mistas, preservando, é claro, as necessidades de cada um. O adulto sabe que ele é o modelo que será imitado?

O que tem acontecido é que as crianças têm chegado nos jardins de infância cada vez menores, e o jardim, tendo vaga, acolhe essa criança, porém faz para ela um programa inapropriado. Criança pequena, apesar de ter que conviver com maiores, não deve fazer tudo o que os

maiores fazem. Hoje não se olha mais para a necessidade da criança, mas ela sim é que tem que se adaptar à vida dos adultos. Outro perigo é colocar muitas crianças numa mesma sala e não criar a relação de vínculo entre o adulto e a criança. Na Holanda é normal uma sala de jardim Waldorf ter 30 alunos para um professor.

Outro ponto que chama atenção é que muitos educadores ou cuidadores das crianças pequenas são pessoas mais voltadas para as forças do coração do que para as forças do intelecto, e nem tudo pode ser oferecido a essas pessoas em termos de material para estudarem. Muitas são pessoas de muita boa vontade, tímidas. Sua formação muitas vezes acontecerá através de visitas de tutoras amorosas, que saibam falar o que é necessário, com respeito e calor.

Temos que lembrar que no nascimento da criança, nasce uma mãe, um pai, uma avó. Na Alemanha já existe, no local onde a criança nasce, orientação para os adultos que acompanharão seu crescimento, na tentativa de mostrar que a vida muda com a chegada da criança e que isso é normal, que o espaço tem que ser aberto, que tudo está certo, porém diferente.

Uma pesquisa revelou que a taxa de hormônio de estresse em crianças sujeitas às instituições é a mesma de adultos expostos a altos níveis de tensão, como astronautas, por exemplo. E essas mesmas crianças, depois de 15 anos, foram mais uma vez testadas e o nível desse hormônio não diminuiu, deixando o jovem, desse modo, suscetível a doenças cardíacas. Crianças intelectualizadas precocemente têm o sentimento de “terem sido abandonadas por Deus”, e isso é fonte de doença no futuro.

Mesmo que os pais não possam cuidar de seus filhos, temos que ter presente a necessidade de construir uma boa relação entre nós e eles.

No caso de a criança ter que passar por troca de professores nos seus primeiros anos de vida, é aconselhável que haja um grande intercâmbio entre os professores, amenizando desse modo a troca.

Helle encerrou a palestra dizendo que ninguém tem o “ouro na mão”. Ao lidar com crianças, lidamos com corações sorridentes, e são as forças calorosas dessa esfera central que devem prevalecer e não as forças da esfera fria do pensar.

Terceiro dia de estudo, trazido por Philipp Reubke da França

Ele iniciou falando sobre a ausência de consciência na criança pequena. É isso que faz possível a aquisição das três capacidades humanas básicas: o andar, o falar e o pensar.

Porque será que desejamos tanto que a criança cresça antes da hora? Queremos um companheiro para conversar?

Intelectualizar a criança muito cedo é nos colocarmos a serviço das forças luciféricas. Devemos fazer isso mais tarde, por volta dos 8/9 anos, porque nessa idade as forças arimônicas já estarão presentes para fazer o equilíbrio. Durante o primeiro setênio, não existem forças para polarizar as forças luciféricas, e isso é delicado. Mais uma vez foi lembrado que o melhor é descrever essas forças, e não ficar nominando-as, e que não devemos criticá-las, pois elas é que nos deram a possibilidade da liberdade. Sem a atuação dessas forças “estaríamos dormindo”, na atmosfera de sono. Nossa tarefa é cultivar o equilíbrio. Como abordar isso com os pais, usando porém outros termos? Foi sugerido achar imagens que toquem o coração, o sentimento. Foi dado o exemplo de um encanador que foi a um jardim na hora em que as crianças brincavam. Na hora que ele estava lá, parte das crianças brincava lindamente, pão estava sendo assado e, de repente, o encanador perguntou: o que está acontecendo aqui? Será que tem uma escola destas perto de minha casa?

Cuidar do ambiente é muito importante, principalmente até os sete anos. Depois, o que atua na criança é a autoridade amada, a nobreza do educador. Fala-se muito que a criança já não é mais a mesma, mas, na verdade, quem mudou completamente foi o ambiente ao redor dela. Uma vez que ela é um ser imitador, como poderia se comportar de outro modo?

Enfim, o estudo terminou com a imagem de que tudo isso – esse desligamento paulatino do mundo espiritual – acontece em nossas vidas porque, uma vez adultos, temos que buscar o

mundo espiritual novamente, só que agora de um modo diferente: conscientemente.

OUTROS TEMAS TRABALHADOS

- Apresentação e aprovação das contas referentes ao ano de 2013.
- Apresentação do destino da verba dos projetos.
- Houve aprofundamento na elaboração de um documento que responderá a pergunta “Qual é o papel da laswece”. Pontos de vista foram levantados e o documento continuará sendo trabalhado e esperamos em outubro tê-lo pronto.
- Foi apresentado de modo bem detalhado toda a preparação do Congresso da Páscoa de 2015 (já citado acima). Vimos os workshops que serão oferecidos, os idiomas, as palestras principais e qual será nossa tarefa, além da de docentes.
- Foi aprovado o documento referente a “o que é um Jardim Waldorf” e, em breve, ele será enviado a todos os jardins, ajudando desse modo a manter as características do que o jardim deve apresentar.
- Discutiu-se muito o tema “proteção do nome Waldorf”. Cada federação é responsável pelo nome Waldorf em seu país. Caso não haja federação, cada jardim teria um ano para se preparar para se tornar um jardim Waldorf, depois então receberia a visita de uma pessoa experiente para ver como o trabalho se desenvolve e se abarca as características esperadas para poder se denominar Waldorf.
- Reconhecimento dos seminários. Foi relatado que os órgãos que reconhecem os seminários são as federações de cada país. A laswece nunca passará por cima da decisão de uma federação com relação ao reconhecimento dos seminários.
- Houve relato extenso sobre o crescimento vertiginoso do movimento de jardins de infância Waldorf na China. Hoje já há mais de 300 grupos. Como zelar pela qualidade, já que muitos jardins surgem por interesse financeiro? Há uma rede de tutores internacionais e nacionais prestando tutoria para poder assegurar a qualidade necessária.
- Foi anunciada a Conferência para Formadores dos Cursos de Educação Infantil Waldorf. Acontecerá em Viena, de 12 a 15 de outubro de 2014 e são esperados representantes de inúmeros países. Devem acontecer seminários para aprofundamento de temas da atualidade relacionados às formações.

TEMAS EMERGENTES

Em Israel, local onde a pedagogia Waldorf tem bastante expressão, hoje eles não podem receber ajuda financeira dos pais, o que torna difícil a manutenção das escolas e jardins.

No Reino Unido, onde é bem comum a prática de escola de pais, o tema Steiner/Pickler está gerando desconforto, pois em muitas instituições um termo está virando sinônimo do outro e tem que haver consciência de que são modos distintos de ver a criança. Um pode até complementar o outro, mas são correntes diferentes. No encontro de professores de seminários de Educação Infantil que acontecerá de 12 a 15 outubro de 2014, em Viena, esse tema será apresentado. Seria muito importante a presença de representantes de seminários de Educação Infantil aqui do Brasil.

Helle Heckmann, como já relatei acima, descreveu os “internatos” que recebem crianças com menos de sete anos de segunda a sexta-feira para os pais poderem trabalhar.

Com isso, encerro mais um relato de reunião da laswece.

Esperamos, como FEWB, que estas informações sincronizem nosso movimento com o que vem acontecendo no mundo.

Mais uma vez me sinto agradecida de poder estar lá representando a FEWB.

Atenciosamente,

Silvia Jensen, representante da FEWB na IASWECE.